



REVISTA O PAPEL 81 ANOS: O PERÍODO DA MOBILIZAÇÃO DO SETOR EM AÇÕES POSITIVAS PERANTE A PANDEMIA

POR THAIS SANTI
Especial para *O Papel*

O mês de abril de 2020, quando a Revista *O Papel* completou mais de oito décadas, jamais será esquecido pelas empresas de celulose e papel e fornecedores. Foi o momento histórico que a união fez a força para não deixar a indústria parar perante a pandemia do coronavírus e seus impactos mundiais. Ações positivas do poder público em prol da sociedade foram destaques para fazer a diferença nos resultados pela vida e economia

A Revista *O Papel* faz aniversário neste mês de abril de 2020. Jamais seus fundadores e todos que na sequência histórica prosseguiram com a publicação no setor de celulose e papel em 81 anos imaginaram que logo após as oito décadas completadas de circulação se encontrariam em um momento tão desafiador para o mundo. Foi quando a pandemia do coronavírus chegou ao Brasil e a diversos países, após surgir na China, desbravando fronteiras com uma força incontrolável.

Na história da *O Papel*, a publicação atravessou períodos críticos, como o da Segunda Guerra Mundial, quando a escassez de

papel em vários países foi enfrentada para levar informação aos seus leitores naquele momento crucial. Tempos aqueles que o papel era o principal meio de comunicação e não havia outra forma de se publicar as notícias. E a *O Papel* cumpriu seu papel e sobreviveu aos desafios do poder das armas.

Além disso, acompanhou as políticas de expansão da indústria de celulose no Brasil na década de 1950, superou os períodos de recessão do Brasil e do mundo posteriores à guerra e, neste ano de 2020, a Revista, com seus 81 anos, juntou-se à Klabin, que comemora seus 121 anos, recebendo o apoio desta empresa e de

respeitados fornecedores, entre outros anunciantes, para manter sua circulação e compromisso com a informação. E, assim, nestas páginas da matéria histórica especial, ficarão registradas as principais notícias e ações de um setor que não parou e foi considerado essencial para o abastecimento do país durante a pandemia de COVID-19 (do inglês *Coronavirus Disease 2019*).

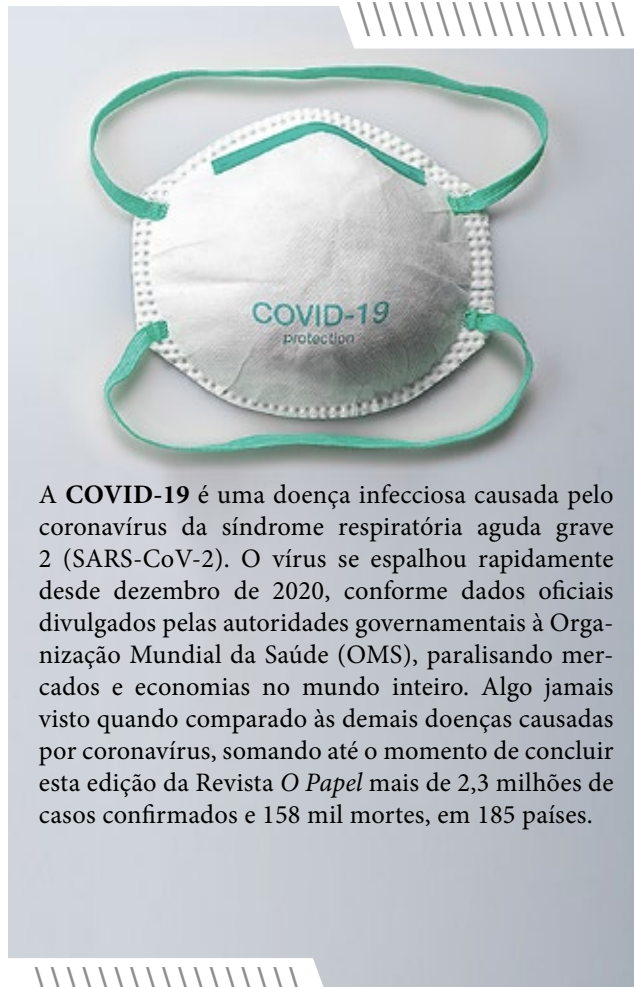
O mundo aos 81 anos da Revista *O Papel* é de um cenário marcado por imagens do isolamento social quando o comércio foi fechado, bem como escolas, áreas públicas, gerando uma grande alteração nos hábitos de consumo da população. A escassez de alguns produtos de higiene esvaziou prateleiras e tem gerado um verdadeiro exercício logístico por parte das empresas produtoras desse insumo. Isso vale também para a produção de embalagens. Um segmento que já vivenciava o aumento do consumo e ganhava mercado com a substituição dos plásticos viu sua demanda aumentar consideravelmente.

“Quase da noite para o dia a trajetória global da economia mudou completamente”, disse Lassi Sinikallas, diretor de macroeconomia da Fastmarkets RISI, em análise pública ao mercado sobre o cenário atual. “Esperava-se uma primeira metade estável do ano de 2020, antes de haver uma aceleração na segunda metade deste ano, que seria observada até 2021. Porém, a pandemia mudou drasticamente esse quadro. Agora a China está nos estágios iniciais de recuperação após a implementação de medidas draconianas para conter o vírus. A resposta tardia dos EUA e da Europa fez a pandemia evoluir rapidamente. O impacto econômico dessas medidas será excepcionalmente perturbador e aumentou significativamente a probabilidade de recessão”, contextualizou Sinikallas em sua análise.

Nesse sentido, o cenário também se transformou para o setor de papel e celulose. Anúncios de expansão ocorreram conforme noticiado nas capas da *O Papel* de 2019. No último artigo da Fastmarkets RISI para o Guia ABTCP de Fabricantes e Fornecedores era prevista alta do consumo de madeira nos próximos cinco anos, novas ondas de expansão de capacidade global de celulose, aumento da demanda mundial de aparas de papel e perspectivas positivas para os papéis de embalagem e tissue. Ao mesmo tempo, o Banco Mundial evidenciava a escalada das tensões comerciais, possibilidade de desaquecimento econômico mais severo por parte das potências globais e estresse financeiro dos mercados emergentes e das economias em desenvolvimento.

Diante de tudo isso, David Fortin, vice-presidente de Celulose da Fastmarkets RISI, em uma publicação mais recente sobre o setor de base florestal diante da pandemia, afirmou que a indústria de celulose navegará por um mercado mais fraco, agravado pela falta de demanda, marcado por gargalos no suprimento e tempo de inatividade que poderão empurrar os preços para baixo. Tudo ainda é incerto, mas as previsões são extremamente desafiadoras.

Já do lado da oferta de papel reciclado o impacto foi imediato, por conta da interrupção da coleta, conforme Hannah Zao, economista sênior de OCC da consultoria. Por sua vez, o mercado de embalagens e papelcartão é uma exceção notável, uma vez que influencia a cadeia de suprimentos. Com o isolamento social como uma das medidas de prevenção e combate ao coronavírus, as compras na internet aumentaram de maneira considerável e, consequentemente, as embalagens utilizadas para a entrega desses pro-



FIAS COMUNICAÇÃO E MARKETING / ADOBE STOCK

A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). O vírus se espalhou rapidamente desde dezembro de 2020, conforme dados oficiais divulgados pelas autoridades governamentais à Organização Mundial da Saúde (OMS), paralisando mercados e economias no mundo inteiro. Algo jamais visto quando comparado às demais doenças causadas por coronavírus, somando até o momento de concluir esta edição da Revista *O Papel* mais de 2,3 milhões de casos confirmados e 158 mil mortes, em 185 países.

duto foram muito requisitadas. Conforme estudo da Pöyry, também publicado no Guia ABTCP de Fabricantes e Fornecedores, em outubro do ano passado, o comércio global on-line vale atualmente cerca de US\$ 2,8 trilhões. Após a pandemia este valor deverá ser ainda maior. Mas também não se sabe.

No mercado de tissue, dois cenários diferentes aconteceram. O segmento obteve dois meses recordes de vendas em produtos de higiene pessoal, enquanto os produtos *Away from home*, os de ordem institucional, tiveram uma queda, pelo fechamento dos comércios. Ainda assim, o diretor de Mercados Tissue da Fastmarkets RISI, Esko Uutela, observa um consumo mais lento no segundo semestre de 2020.

UMA VISÃO SETORIAL SOBRE O CENÁRIO MUNDIAL PERANTE A PANDEMIA

Para as empresas de produtos químicos um mercado totalmente atípico também surgiu, quando algumas dessas fabricantes passaram a destinar parte de suas linhas para a produção de álcool 70% para atender a hospitais e à população durante a pandemia. “A Kemira faz parte de um segmento essencial fornecendo produtos químicos para manter a Indústria de Celulose e Papel em funcionamento durante esta crise. Mesmo em isolamento, as pessoas permanecem tendo acesso aos bens essenciais, tanto por meio de

medicamentos, de itens de higiene como das embalagens de seus alimentos”, pontuou Paulo Barbosa, diretor Comercial da América do Sul para Celulose e Papel da Kemira.

O executivo da Kemira destaca a função essencial do setor de celulose e papel na cadeia de consumo da população em meio ao cenário desafiador da pandemia, pois a sociedade continuou se alimentando e a ter acesso a medicamentos, entre outros, graças à indústria de embalagens. E acrescentou: “Os nossos produtos químicos fazem parte dessa importante engrenagem”.

Neste contexto, a Suzano decidiu trabalhar em três frentes fundamentais: pessoas, sociedade e continuidade de negócios. “Quanto às pessoas, todas as medidas foram tomadas para mitigar os riscos de contaminação e 100% dos colaboradores das áreas administrativas estão atuando em home office, somando 4 mil profissionais. Nas fábricas, mudamos o sistema de alimentação, com porções pré-definidas para evitar contaminação, e o uso de máscaras foi implantado em todas as operações, entre outras recomendações dos órgãos competentes. Em conjunto, realizamos o afastamento de pessoas acima de 60 anos e pessoas que se encaixavam em grupos de risco”, comentou o presidente da empresa Walter Schalka durante coletiva de imprensa com os jornalistas.

Já em relação à sociedade, o CEO da Suzano informou que decidiu não demitir pessoas, mesmo as que estão inativas. Para os fornecedores, a empresa está pagando os salários na sua integralidade, mesmo os afastados no período de dois meses, e para os fornecedores de menor porte, todas as faturas em aberto estão sendo pagas, antecipando até 20% de pagamentos futuros já previstos em contrato. Além disso, a empresa possui ações que envolvem um investimento

de R\$ 50 milhões (confira no quadro as doações realizadas) em contribuição às necessidades da população em meio à crise da Covid-19.

No âmbito da continuidade dos negócios, a Suzano segue continua produzindo. “Estamos realizando isso com muita segurança na operação. Com medidas mitigatórias, e já temos novas medidas para cenários diferentes”, adiantou Schalka. Disse ainda que a empresa teve “alguma sorte” nesse processo, pois possui muito contato com as operações na China. “Quando tudo começou em janeiro e tomamos conhecimento, já no início de fevereiro deste ano, ao ver que isso se espalharia em todo o mundo, nós iniciamos as medidas de forma antecipada”, afirmou Schalka, referindo-se ao primeiro momento de ocorrência do coronavírus na cidade de São Paulo.

O presidente da Suzano mencionou ainda uma “segunda sorte”, uma vez que a indústria de celulose foi muito menos impactada que outras. “A queda de papéis para imprimir e escrever tem ocorrido basicamente na Europa e nas Américas. Na China, a queda está pequena e, ao mesmo tempo, houve um aumento do consumo de tissue global. Consequentemente, beneficiando o aumento do consumo de celulose. Há ainda uma migração da fibra reciclada para fibra virgem, pois a coleta está reduzida. Um segundo fator é a migração também na compra de fibra curta ao invés da fibra longa, por conta dos preços praticados. Logo, estamos sendo muito menos afetados, o que nos dá tranquilidade para tomar ações dessa magnitude”, disse, fazendo referência às doações e parcerias realizadas. “A Suzano nesse momento está bem posicionada, especialmente por ser uma empresa de menor custo-caixa no mundo, gerando caixa para a empresa, diferentemente de outras indústrias”, comentou o CEO da Suzano.

SETOR PÚBLICO E PRIVADO - AS AÇÕES PARA O COMBATE À PANDEMIA DE COVID-19

Muitas ações mencionadas nesta reportagem estão em acordo ao que o Centro Johns Hopkins para Segurança da Saúde, o Fórum Econômico Mundial e a Fundação Bill & Melinda Gates propõem como ações para o combate à pandemia, incluindo ainda a interação entre setores público e privado. Entre elas:

- Governos, organizações internacionais e empresas devem planejar agora como as capacidades corporativas essenciais serão utilizadas durante uma pandemia de larga escala.
- A indústria, os governos nacionais e as organizações internacionais devem trabalhar juntos para aprimorar os estoques internacionais de contramedidas médicas (MCMs) para permitir uma distribuição rápida e equitativa durante uma pandemia grave.
- Países, organizações internacionais e empresas globais de transporte devem trabalhar juntos para manter viagens e comércio durante pandemias graves.
- Os governos devem fornecer mais recursos e apoio ao desenvolvimento e fabricação de surtos de vacinas, terapêuticas e diagnósticos que serão necessários durante uma pandemia grave.
- Os negócios globais devem reconhecer o ônus econômico das pandemias e lutar por uma preparação mais forte.
- As organizações internacionais devem priorizar a redução dos impactos econômicos de epidemias e pandemias.
- Os governos e o setor privado devem atribuir uma prioridade maior ao desenvolvimento de métodos para combater desinformação e desinformação antes da próxima resposta à pandemia.



Diego Gracia, gerente de Estratégia e Marketing e Exportação da Ibema, lembra que o ano de 2020 começou apresentando fortes sinais de recuperação, e o setor de papelcartão vinha mantendo as exportações em alta. “Porém, com a chegada da Covid-19 e a maneira independente de cada país combater esta crise, o cenário de mercado ficou confuso, imprevisível e não sabemos se as mudanças de hábito no consumo do brasileiro marcarão uma nova tendência e, em caso positivo, por quanto tempo esta nova realidade será mantida a partir do fim do isolamento social”.

A percepção sobre o cenário mercadológico é parecida para a Papirus, que, em novembro passado, tinha anunciado investimento de R\$ 25 milhões em sua fábrica, em Limeira-SP, com foco em matéria-prima reciclada. Na ocasião, a Papirus afirmou que a produção de cartões deveria chegar a 94 mil toneladas em 2019, e ter alta de 11,7% em 2020, chegando a 105 mil toneladas, e a 114 mil em 2021. Para alcançar a meta, já havia desembolsado R\$ 37 milhões entre 2014 e 2019. Mas a pandemia surpreendeu os planos, gerando, em parte, fatos positivos pelo aumento do consumo do papelcartão nas embalagens, entretanto, lançando incertezas sobre a possível manutenção de todas as ações de expansão.

Amando Varella, diretor Comercial e de Marketing da Papirus, conta que o País não considerava a possibilidade de que a crise econômica se acentuasse tão fortemente em função de uma pandemia. “Com a disseminação da COVID-19, praticamente todos os setores de atividade estão sentindo o impacto desta crise sobre a economia em todo o mundo, e ainda não sabemos qual a sua efetiva dimensão. De qualquer forma, é importante destacar que alguns segmentos estão reagindo bem, como o de embalagens de papelcartão, por conta da maior concentração do consumo em produtos básicos, como alimentos e medicamentos”, enfatizou.

Varella diz que a Papirus é líder na produção de papelcartão com fibras recicladas, utilizado na produção de embalagens, e isto se reflete positivamente nas vendas da empresa. “Ainda é cedo para avaliarmos se será possível manter o volume de negócios do ano passado, bem como nosso plano de investimentos neste ano atípico, porém, nosso foco é na conclusão até a metade de 2021, inclusive porque nossos investimentos estão direcionados à maior sustentabilidade da produção de papelcartão”, disse Varella.

O diretor da Papirus destacou também que é possível antever que, a partir de agora, cada vez mais haverá uma busca por um consumo mais consciente, mais sustentável, pois as pessoas estão mais preocupadas com o futuro do planeta e o meio-ambiente, que interfere diretamente sobre a vida. Confirmando alguns posicionamentos citados pelos especialistas da Fastmarkets RISI, nas palavras do diretor Comercial e Marketing da Papirus, “existem setores que foram impactados e outros que estão reagindo bem, até acima do previsto, como é o caso das embalagens de papelcartão para alimentos, farmacêuticos e higiene e limpeza. Outros segmentos que utilizam cartuchos de papelcartão foram impactados negativamente, por exemplo: autopeças, calçados e brinquedos. Quanto ao mercado de aparas, nós ainda não sentimos dificuldade no fornecimento. A cadeia segue normal até o momento”, disse.

Entre as medidas esperadas pelo Governo Federal, a fim de dar mais segurança nesse período, Varella disse que as linhas de crédito que o Governo Brasileiro anunciou não chegam para empresas do seu tamanho e, quando chegam, os bancos privados estão trabalhan-



do com taxas que são superiores às taxas cobradas antes da pandemia. “Para preservar os empregos e manter o fluxo de produção, a postergação dos impostos estaduais e municipais seria muito bem-vinda”, comentou o diretor Comercial e de Marketing da Papirus.

Durante essa crise as medidas governamentais surgiram como apoio à manutenção de negócios e operações das empresas de todos os portes, a fim de reduzir quedas de resultados. “De maneira geral, o comportamento de queda foi observado em várias indústrias. Contudo, somos bastante resilientes e parte essencial para manter o abastecimento da cadeia de alimentos, higiene e limpeza”, contrapõe Francisco Razzolini, diretor de Tecnologia Industrial, Inovação, Sustentabilidade, Projetos e Negócio de Celulose da Klabin. Apesar de todos os esforços positivos de governo e setores industriais, o executivo da Klabin diz que o segundo semestre é uma incógnita, especialmente quanto ao tamanho da recessão, acesso ao crédito e capital de giro para as empresas.

Ao mesmo tempo, a nanotecnologia ganhou espaço na Klabin para expandir seus estudos e desenvolvimentos, contribuindo ainda com o mercado e necessidades atuais. A empresa, que investe continuamente em Pesquisa e Desenvolvimento, viu maior abertura do governo para acelerar soluções que atendessem à população. A celulose microfibrilada (MFC) ganhou destaque nos noticiários com o anúncio do SENAI, em parceria com a Klabin, sobre a produção de álcool em gel com base na MFC. “Trata-se de um produto capaz de substituir um componente importado, usado na formulação do álcool em gel, resultando em produto compatível com o mercado e estamos analisando o seu escalonamento. Essa ação também está sendo feita em parceria com a Embrapa, mas com rotas um pouco diferenciadas. Temos aportado nossos conhecimentos e, por ser um item essencial, o nosso esforço é muito importante”, destacou Razzolini, reforçando o mote interno da empresa para o período, que é “Cada atitude conta”. “Até máscaras de papel têm recebido atenção. Os processos se tornaram céleres, e as pessoas estão interessadas em ajudar diante desse cenário. Em um desenvolvimento normal isso não aconteceria”, compara Razzolini.

Como posicionamento da empresa, o gerente de Estratégia, Marketing e Exportação da Ibema, explica que, a fim de enfrentar a disseminação do vírus, ações de prevenção viram obrigatoriedade neste momento, porque é necessário proteger as pessoas em primeiro lugar. “Temos todo nosso time administrativo em home office, e quem

está na operação e na linha de frente na produção e logística passa a vivenciar uma rotina de maior cuidado com EPIs e procedimentos de higiene e segurança. Depois dessa primeira necessidade atendida, vem a parte mercadológica e o impacto no negócio”, detalhou.

Em unanimidade com outras empresas do setor, o que tem acontecido nesse período é que a liderança da Ibema se reúne diariamente num comitê de crise e semanalmente para avaliar resultados e olhar previsões. “É um momento de estar mais antenado que o normal. Ao mesmo tempo, a crise ocorre em um contexto em que a empresa já vinha ampliando sua eficiência e produtividade com maiores níveis de automação, de uso intensivo de tecnologia, o que nos deixa em posição de reagir rapidamente e adaptar a empresa a atual realidade”, comentou Gracia.

A Klabin, ao identificar a situação crítica provocada pela pandemia, por exemplo, iniciou as suas ações já em fevereiro deste ano e elas foram intensificadas em março último. “No primeiro momento, realizamos o afastamento de todas as pessoas que são grupos de risco. Além disso, as unidades contam com atividades de higienização, controle/ distanciamento, cancelamento de viagens, entre outras medidas. Em atividades específicas, o controle é redobrado”, explicou Flávio Deganutti, diretor do Negócio de Papéis da Klabin.

Outra decisão foi em relação ao adiamento da Parada Geral na planta de papel em Monte Alegre-MG que seria realizada em junho e foi postergada para agosto, minimizando a movimentação de pessoas. “Nossa fábrica tem 70% a 80% de produtos voltados para o mercado de alimentos e higiene e limpeza. Em relação ao ano anterior, no mesmo período, houve aumento de aproximadamente 5% na demanda de papelcartão, majoritariamente nos meses de março e abril, associadas ao aumento do consumo de embalagens nas residências, como por exemplo sucos prontos e leites longa vida. Já as plantas de celulose produzem em sua capacidade máxima”, contou Deganutti.

Com relação aos projetos da Klabin em andamento, por enquanto, o Projeto PUMA II teve suas obras civis paralisadas, mas Razzolini alerta que houve apenas uma desmobilização temporária. “As empresas parceiras tiveram seus contratos mantidos, engenharias, compra e fabricação de equipamentos e os transportes de materiais continuam sendo feitos para seguirmos o processo de retomada assim que possível”, conta.

Razzolini explica que embora o momento peça cautela, o projeto de ampliação seguirá, uma vez que a captação de recursos e a engenharia financeira da empresa já estão asseguradas para os próximos quatro anos, a Klabin conta com um caixa confortável. “Isso permitiu dar continuidade às oportunidades, uma vez que tínhamos segurança de execução sem recorrer ao mercado”, afirmou sobre o recente anúncio da aquisição dos negócios de embalagens da International Paper. Sobre o comportamento do negócio em si, os diretores da Klabin comentaram que as operações passaram por ajustes, entre eles, a logística, fundamental para operar e que interfere diretamente nos resultados da empresa. Ainda assim, tranquilizou quanto à operação dos portos e contêineres disponíveis, que estão em fluxo suficiente. O mesmo também é válido para as operações no mercado doméstico.

Na opinião de Deganutti, como resultado do cenário da pandemia, os hábitos foram transformados. “Assim como ganhamos velocidade em P&D – com experimentações mais rápidas, seja por meio de inicia-

tivas grandes ou pequenas e com o consumidor –, um fato é que a compra pelo meio eletrônico passará a ser incorporada”, disse. Com relação às metas, Razzolini afirma que é difícil prever uma mudança, especialmente por não ter um horizonte no momento. “Porém, toda a preocupação com contaminação, limpeza e assepsia, principalmente, tiveram impactos positivos para a área de papéis em muitos países, bem como o investimento em educação e tecnologia. Como vantagem estamos na linha de frente com os materiais renováveis e a preocupação ambiental persistirá. Uma segunda onda derivada sobre o que o impacto humano causa e como isso se reflete vai se intensificar na escolha por recursos não fósseis e suas matrizes energéticas”, refletiu Razzolini.

Para Hjalmar Fugmann, líder da Voith Paper América do Sul, o Brasil e o mundo vêm apresentando momentos de profundas transformações em diversos mercados. A indústria de papel e celulose, pela relevância e caráter essencial de seus insumos e produtos, também têm acompanhado de perto estes períodos. “Quando observamos o consumo de papéis para fins de higiene, também vemos um mercado em crescimento. Os indicadores da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ) de 2019 em comparação a 2018 apontam crescimentos de 6,2% na produção; de 7,4% nas vendas domésticas; e 31% nas exportações. Na América Latina, o Brasil figurava em 2018 como o maior (31,2%) entre os mercados principais para tissue na região, segundo a Fastmarkets/RISI. Este mesmo estudo apontou que, em termos de volume de consumo de tissue, entre 2008 e 2018, a região latino-americana ficou com terceiro maior crescimento mundial (11%), com América do Norte (12%) em segundo e a China na liderança, responsável por 43%”, contextualizou definindo as ações da empresa como reflexo desse cenário, especialmente quando a empresa realizou a proposta de aquisição de 90% das ações da Toscotec, especializada no design e fabricação de máquinas e equipamentos para a produção de papel tissue e papelcartão.

Com relação à estratégia de crescimento no último ano fiscal, a Voith se concentrou em fortalecer ainda mais suas principais áreas de negócio – inclusive por meio de aquisições estratégicas como a da BTG, fornecedora global de soluções de processos integrados e especializadas para o setor de papel e celulose. “Temos aprendido muito com a entrada da BTG em nosso grupo, e esta parceria nos permitirá trazer ainda mais inovação e qualidade ao mercado, ajudando a alavancar a posição de mercado da Voith como fornecedora completa para o setor”, pontuou Fugmann.

O PAPEL DA INDÚSTRIA 4.0 NA GESTÃO DA CRISE

As empresas utilizam cada vez mais as tecnologias da Indústria 4.0, orientadas por otimizarem seus processos industriais. Esse foco tem promovido tanto a evolução da geração, coleta, tratamento e análise de dados quanto da digitalização de processos com um único objetivo: obter melhores resultados, por meio da adoção integrada de ferramentas e soluções que até então não estavam largamente disponíveis.

Para o setor de celulose e papel, os recursos de inteligência artificial aplicados estão associados a ganhos significativos. “Um exemplo do sucesso da nossa estratégia de digitalização voltada para o cliente é o forte aumento na demanda pelo On-Cumulus, a plataforma modular para a IIoT (Internet Industrial das Coisas) da Voith. Aquisições (como a Pilotfish) e novos empreendimentos (como a TSP OnCare Digital Asset Inc.) também ajudarão a Voith a expandir ainda mais sua linha de produtos e soluções digitais em toda a cadeia de valor das suas principais áreas de negócios”, pontuou Fugmann. Outra forte tendência no setor industrial para os próximos anos será, na opinião

de Fugmann, a Realidade Aumentada que disponibiliza informações úteis em tempo real. Trata-se, segundo ele, de uma solução que agrega eficiência ao processo e confere praticidade e facilidade ao trabalho dos operadores de manutenção.

A Kemira, por sua vez, tem aliado tecnologia ao distanciamento social. “Neste momento, em que precisamos minimizar o contato social e circulação de pessoas o KemConnect”, nossa plataforma digital de monitoramento e controle da Kemira pode auxiliar muito a indústria de papel e celulose a gerenciar os processos de forma remota. Como exemplo, temos aplicações em outros países da América do Sul que estão sendo acompanhadas pela nossa equipe técnica no Brasil”, disse Para Nilton Almeida, gerente de Desenvolvimento de Negócios e Aplicações em Celulose e Papel, América do Sul, da Kemira, lembrando que neste momento temos países com as fronteiras fechadas e estamos atendendo a recomendação do OMS de reduzir a circulação de pessoas e evitar viagens.

Por esse motivo, com o poder da digitalização, a empresa tem acesso em tempo real das informações de atuação de seus produtos químicos, podendo identificar oportunidades de melhorias e tomar decisões assertivas de forma rápida, nos antecipando a problemas que possam ocorrer no processo ou produto final de nossos clientes.

A digitalização se mostra como um caminho sem volta para o setor. Para o líder da Voith Paper América do Sul, em momentos de crise, principalmente, deve prevalecer a assertividade da gestão frente à demanda por medidas efetivas ainda mais estratégicas, que precisarão ser adotadas. “Nesse contexto, indicadores e controles otimizados pelas tecnologias da Indústria 4.0 representam valiosos aliados da missão de vislumbrar cenários de longo prazo para lidar com impactos gerados em curto prazo – e, conseqüentemente, priorizar atitudes que garantam o hoje e o amanhã da operação. É plausível projetar que a abrupta digitalização e virtualização de trabalhos e processos que foi feita em resposta ao distanciamento social deixará conseqüências permanentes na forma com as empresas, incluindo as nossas, gerenciam seus negócios”, comentou Fugmann.

FUTURO DOS NEGÓCIOS

Quanto aos negócios, Ricardo Silva, gerente de Supply Chain da América do Sul da Kemira, diz que a empresa se encontra em situação estável. “Não estamos sofrendo muitos impactos na parte de importação quando falamos de preço e disponibilidade de matéria-prima. Há produtos disponíveis, mesmo com a Pandemia em curso. O que estamos começando a notar é um gargalo nas questões logísticas, principalmente por falta de oferta de navios e contêineres vindos da China. Como o fluxo da Europa para a Ásia está comprometido, sentimos um impacto no fluxo para a América do Sul, também por falta de equipamentos, mas nada que saia da curva de tolerância do processo”, explicou. Silva acrescentou também que a empresa implementou uma política de reajustes de estoques de matérias-primas e produtos acabados e um plano de contingência para atender o fornecimento de pontos alternativos sempre que possível.

É importante dizer que lenços de papel, papéis higiênicos, toalhas de papel e lenços umedecidos são alguns exemplos nos quais os produtos da Kemira atuam, além de produtos químicos que são usados em todos os tipos de embalagens de alimentos, desde o leite da prateleira até caixas e sacolas, e produtos embalados como cereais e outros produtos básicos. Por isso, a companhia manteve suas operações normalmente.

“Mantemos um estoque para atender nossos clientes, assim como para os projetos que já estavam em andamento. Pedimos aos nossos clientes que evitem aumentar estoque dos nossos produtos para assegurar a estabilidade da cadeia de fornecimento e estamos monitorando de perto todas as áreas de nossa cadeia de suprimentos para manter a entrega dos produtos e serviços dentro do prazo”, pontuou Barbosa, da Kemira.

Dentre os aprendizados a partir da pandemia, Varela conta que a Papirus sempre teve uma ênfase muito grande na gestão e na valorização das pessoas e, neste momento, não poderia ser diferente. “Priorizamos as pessoas e sua segurança. Esta situação só reforçou a nossa percepção de que o capital humano é o mais importante de qualquer operação”, destacou. Não menos importante o profissional mencionou que a situação também ampliou nossa percepção sobre as situações de risco. “Boa parte das organizações estabelecem matrizes de risco, mas creio que poucas chegaram a incluir, nessas matrizes, o risco de uma pandemia. A partir de agora, as mentes de todos deverão estar mais abertas para o imponderável, o imprevisível, de modo a nos prepararmos para responder a ele”, observou.

A IRMÃOS PASSAÚRA PARABENIZA A KLABIN PELOS **121 ANOS** DE UMA HISTÓRIA DE MUITO SUCESSO.

TEMOS MUITOS MOTIVOS
PARA COMEMORAR!



Há mais de 33 anos, a Passaúra é referência em montagem e manutenção industrial no setor de papel e celulose, atuando nas áreas de caldeira de recuperação, planta de caustificação, forno de cal, caldeira de força, entre outros e com muito orgulho, há mais de 30 anos (1989) ininterruptos iniciamos nossa parceria de grande sucesso com a Klabin, se tornando com certeza um dos nossos principais clientes.

Agradecemos por esta valiosa parceria onde realizamos grandes projetos baseado sempre na confiança e respeito.

Que Deus os abençoe sempre!

REPORTAGEM HISTÓRICA ESPECIAL

Na opinião dos executivos da Kemira, a crise acelerará mudanças que talvez fossem acontecer naturalmente, mas em tempo maior, e haverá um novo normal. Entre eles, o trabalho remoto, onde se observou que possui todas as condições para existir de uma forma muito mais ampla do que se pensava; a importância da automação dos processos de forma remota, a Indústria 4.0 é outro exemplo; e as relações de trabalho e a autonomia das equipes com tomadas de decisão em situações de isolamento, incluindo novas formas de abordagem, legislações etc.

Gracia, da Ibema, fala em protagonismo nesse novo cenário. “O setor de base florestal seguirá sólido e com um papel fundamental nos desafios mundiais de sustentabilidade. Nós brasileiros, precisamos plantar uma semente de protagonismo no nosso gene e na nossa cultura, para não sermos surpreendidos a todo o momento com o que outras nações inventaram. O mundo está mudando rápido e o que estamos vivendo será mais uma curva de inflexão na história”, disse.

Razzolini, da Klabin, destaca ainda que vê com bastante otimismo a maior integração com a circularidade da economia que a celulose e o papel possuem. “Além disso, o setor tem se estruturado com gestão financeira e de projetos que podem suportar eventuais necessidades de estrutura de governo”, enfatizou.

Por sua vez, Schalka vislumbra que dentre as transformações dessa pandemia também vale pensar nas implicações sobre o futuro. “Embora ainda não estejamos prontos para compartilhar, a exemplo do que observamos, o home office que já era usado de forma tradicional, de um dia para outro passou para 100% entre

nossos colaboradores e tem funcionado muito bem. Logo estamos pensando sobre como isso poderia ser realizado no futuro. Vale para as oportunidades de negócio, no mercado de celulose, nos próximos anos. As ações por enquanto equivalem à emergência da situação, mas já estamos nos preparando para o futuro, pois o mercado é um jogo de antecipação”, afirmou o CEO da Suzano.

Na visão do líder da Voith Paper América do Sul, o objetivo é manter a estratégia de crescimento da empresa baseada em atuar com forte investimento em desenvolvimento de novas soluções observadas neste cenário atual. “Entre os caminhos que devemos trilhar nos próximos anos, destacamos o olhar e o foco nas pessoas. Procuramos proporcionar um ambiente sustentável, com aprendizagem permanente, em um processo colaborativo. Temos consciência de que nossas ações e decisões definem o legado que deixamos ao planeta. O papel escolhido pela Voith é o de contribuir para um mundo mais sustentável. Por isso, avançamos continuamente em nosso compromisso ambiental, ao maximizar a eficiência para minimizar recursos e impactos em nossas operações”, disse o líder, trabalhando ainda no engajamento de seus colaboradores a crescerem com a companhia. “É assim que conectamos a sustentabilidade do nosso presente ao papel”, concluiu Fugmann.

Nota: Como fontes para falar sobre a cadeia produtiva do setor de celulose e papel, a Revista *O Papel* convidou as empresas apoiadoras e patrocinadoras da Campanha 80 Anos. Dentre estas estão *Ibema, Kemira, Klabin, Papirus, Solenis, Suzano e Voith Paper*. Até o fechamento desta edição, a Solenis não conseguiu retornar suas respostas à pauta solicitada.

DOAÇÕES DAS EMPRESAS DE CELULOSE E PAPEL DURANTE A PANDEMIA DE CORONAVÍRUS

DIVULGAÇÃO IBEMA



Ibema - No início de abril, a produtora doou ao hospital público Bom Pastor, localizado no entorno de sua fábrica em Turvo (PR), 100 máscaras FF2, 12 pijamas cirúrgicos, 500 toucas descartáveis, 220 litros de álcool 70, dois termômetros a laser e 600 luvas cirúrgicas. Uma outra remessa de insumos hospitalares, com 3 mil máscaras de tripla proteção, 15 macacões impermeáveis e 500 aventais, será entregue no dia 4 de maio para a prefeitura da cidade. Em parceria com BO Packaging, a Ibema distribuirá ainda um milhão de copos de papel para hospitais do Paraná e de São Paulo, impressos com agradecimentos aos profissionais de saúde e com dicas de prevenção ao coronavírus. Além disso, a empresa oferece alimentação, café da manhã, almoço e jantar, e locais para higienização aos caminhoneiros parceiros em suas duas fábricas, localizadas em Turvo, no Paraná, e em Embu das Artes, no Estado de São Paulo.

Klabin - se juntou à Suzano e outras empresas para ajudar a fortalecer o setor brasileiro de produção de respiradores pulmonares. A partir do apoio dessa aliança, o Ministério da Saúde assinou um contrato para produção de 6,5 mil ventiladores pulmonares no Brasil, no valor de R\$ 322,5 milhões. Entre outras ações, a Klabin doou 8.500 embalagens de papelão ondulado para viabilizar o transporte de álcool gel e anunciou parceira com o Governo do Estado do Paraná que viabilizará o funcionamento de um Hospital Regional, em Telêmaco Borba-PR.



DIVULGAÇÃO KLABIN

DIVULGAÇÃO SUZANO



Suzano - distribuiu papéis sanitários e fraldas aos hospitais das regiões onde atua. Aportou R\$ 50 milhões em ações voltadas à população, incluindo a compra de 159 respiradores e R\$ 1 milhão de máscaras hospitalares importados da China e a instalação de um hospital de campanha em Teixeira de Freitas, no extremo Sul da Bahia. A empresa também destinou R\$ 10 milhões para ajudar a fabricante Magnamed a aumentar sua capacidade de produção de ventiladores pulmonares.

Nota: Confira as ações das demais empresas na Coluna Radar desta edição.



O SETOR EM RETROSPECTIVA PELAS PÁGINAS DA REVISTA O PAPEL

Para quem leu a reportagem de capa de março deste ano da *O Papel*, comparar o previsto até março de 2020 pelos analistas ora entrevistados com o que após alguns dias o mercado mundial se deparou ao olhar o setor de celulose e papel é, no mínimo, interessante para ter ideia da mudança brusca de cenário em questão de semanas. Tudo que era otimismo caiu por terra frente a tantas incertezas em um mundo paralisado pelo medo da contaminação do Covid-19 aos 81 anos da Revista *O Papel*.



O setor de base florestal não parou; tomou ações e medidas preventivas dignas de uma indústria de capital intensivo e seu requerido planejamento, indo além e oferecendo equipamentos ao governo, bem como auxílio a comunidades, entre outros. Mas voltando ao ano de 2019 pelas páginas da Revista *O Papel*, o setor em retrospectiva começava o ano passado com uma notícia que há muito não se acompanhava no setor de papel. Um investimento de R\$ 101,6 milhões em maquinários para expansão da Ahlstrom-Munksjö. Em janeiro de 2019, mais precisamente no dia 14, o setor consolidava a fusão entre a Fibria e a Suzano, formando a maior empresa global na produção de celulose de eucalipto.



Em fevereiro de 2019 era a vez da WestRock ser destaque de capa da *O Papel*, com um investimento de US\$ 345 milhões na expansão de sua capacidade produtiva de sua fábrica situada em Três Barras-SC. Uma nova unidade para produção de papelão ondulado, demonstrava uma recuperação da confiança nos negócios pelos empresários. A Solenis, por sua

vez, completava a fusão do negócio de papel e água para produtos químicos com a BASF.

Em abril de 2019, um especial de mais de 80 páginas contou a história do setor década à década, em 80 anos de notícias retratados nesse período pela Revista *O Papel* sobre o setor de celulose e papel. Nesse mesmo período, esse mesmo setor divulgava investimentos de cerca de R\$ 32,6 bilhões entre 2020 e 2023 e avançava na biotecnologia, como os R\$ 32 milhões investidos em seu programa de pesquisa e desenvolvimento para a construção de um Parque de Plantas Piloto para produção de lignina e MFC em escala industrial, próximo à Unidade Monte Alegre, em Telêmaco Borba-PR, pela Klabin. Outro anúncio ganhava as páginas da revista em maio: a Klabin já estava com licenças concedidas para iniciar as obras do Projeto PUMA II, um investimento de R\$ 9,1 bilhões para a construção de duas máquinas de papel para embalagens, com produção integrada de celulose, e capacidade total para produzir 920 mil toneladas anuais de papéis.



Em junho do ano passado, a Melhoramentos dava início à produção da BTGW (Bleached Thermo Ground Wood), com alvura entre de 66% e 70% e, em 2011, a produção da Neolux, com alvura de 75%. Já em setembro de 2019, o Grupo Bracell, que faz parte da RGE, sediada em Cingapura, China, apresentou detalhes do projeto de R\$ 7 bilhões para expandir a produção de celulose solúvel, em curso na cidade de Lençóis Paulista-SP.



No mês de outubro de 2019, a Klabin foi destaque novamente e anunciou a aquisição de uma planta industrial para produção de papelão ondulado na cidade de Horizonte, no Ceará, a fim de atender ao mercado de fruticultura na região Nordeste do País, com investimento inicial de R\$ 48 milhões. E assim, repleto de boas notícias, o ano de 2019 terminou com o anúncio da conclusão do processo de aquisição da BTG e 90% das ações da empresa italiana, Toscotec S.A. pela Voith.

Também foi anunciado no final de 2019 o projeto da OJI Papéis Especiais de um investimento de R\$ 500 milhões para a unidade de Piracicaba-SP, saindo de 80 mil toneladas para 150 mil toneladas por ano em sua capacidade produtiva para papéis térmicos. Na próxima edição de maio de 2020 a OJI Papéis Especiais será



destaque de reportagem de capa com esse seu novo projeto, que mantém o cronograma até o momento de concluir esta edição.

Na edição de capa de janeiro de 2020 a Suzano destacou o planejamento para captar sinergias estimadas entre R\$ 800 milhões e R\$ 900 milhões por ano, e o investimento de R\$ 4,4 bilhões na manutenção e expansão dos negócios. E

afirmou Walter Schalka, presidente da Suzano: “Em 2019, alcançamos 40% desse resultado, número que subirá para 90% em 2020 e 100% em 2021”. No mesmo mês a Duratex e a Lenzing Group noticiaram a construção de uma das maiores linhas de celulose solúvel do mundo, localizada no Triângulo Mineiro, nas cidades de Indianópolis e Araguari, com um investimento industrial previsto de US\$ 1,2 bilhão.

Em fevereiro de 2020 o destaque de capa da *O Papel* foi a Smurfit Kappa com seu novo Centro de Estudos de Papel e Embalagens de Papelão Ondulado, inaugurado em final de 2019, para oferecer soluções ainda mais customizadas aos clientes da empresa. Antes desta edição de abril de 2020 a reportagem sobre os resultados do setor em 2019 e perspectivas para 2020 acabou chegando como um convite ao que seria antes o nosso setor neste e próximo



ano já que foi surpreendida pelo avanço da pandemia enquanto estava em impressão. Ficam as esperanças de que a nossa indústria de celulose e papel atravesse tudo da melhor forma, sem parar, e com sua capacidade de gestão de crise e planejamento superando todos os desafios! ■



Revista *O Papel* 81 Anos de Notícias














Reveja e releia a Edição Especial de 80 anos de abril/2019 na versão digital



Reveja e releia o Anuário Histórico de 80 anos de Notícias na versão digital

REVISTA O PAPEL NA LINHA DO TEMPO

<p>Em abril, a Revista <i>O Papel</i> é fundada por Américo Kende; André Tibor; Paulo Herlinger; e Carlos José Benko.</p>		<p>1939</p>		<p>Em abril, após diversas reviravoltas nas vidas dos sócios-fundadores da Revista <i>O Papel</i>, o título passa a ser de propriedade de Paulo Engelberg e de Carlos José Benko.</p>
<p>A Revista <i>O Papel</i> passa a pertencer apenas a Paulo Engelberg.</p>		<p>1957</p>		<p>Em janeiro, Paulo Engelberg estabelece parceria com a então ABCP (hoje ABTCP), para melhorar o conteúdo técnico da <i>O Papel</i>, a partir de um caderno com 20 páginas de artigos feitos por colaboradores da Associação Brasileira de Celulose e Papel (ABCP).</p>
<p>Após uma integração ainda maior entre a ABTCP e a Editora Orientador, que produzia a <i>O Papel</i>, Paulo Engelberg, proprietário da editora, decide vender a Revista <i>O Papel</i> para a ABTCP, que é proprietária do título como editora até hoje.</p>		<p>1993</p>		<p>Revista <i>O Papel</i> estabelece parcerias com a Associação Brasileira do Papelão Ondulado (ABPO) e com a então Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa), atualmente Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), para ampliar a tiragem e distribuição da revista no setor de celulose e papel.</p>
<p>Revista <i>O Papel</i> implanta seu primeiro Comitê de Editores Científicos Internacionais, para atrair artigos de diversos países.</p>		<p>2005</p>		<p>O conteúdo bilíngue das edições da <i>O Papel</i> é ampliado, conquistando ainda mais leitores internacionais.</p>
<p>Revista <i>O Papel</i> unifica seu comitê de avaliadores de artigos com o corpo de avaliadores de artigos do Congresso ABTCP e passa a publicar notas técnicas a partir de apresentações dos eventos da Associação. No mesmo ano, moderniza-se e lança aplicativo com a versão digital da publicação.</p>		<p>2014</p>		<p>A Revista <i>O Papel</i> leva seus colunistas e convidados especiais para o principal evento do setor: o Congresso Internacional de Papel e Celulose, promovendo o <i>Espaço O Papel</i> que, nos anos seguintes, passou a adotar o nome de Fórum Mercado & Gestão.</p>
<p>A Revista <i>O Papel</i> comemora 80 anos com diversas ações, entre elas: novo logotipo e projeto gráfico, lança suas redes sociais, com páginas no Instagram e LinkedIn, que complementam a sua edição física, além de uma edição especial em abril, mês de aniversário; e a publicação do Anuário Histórico - Revista <i>O Papel</i> - 80 Anos em Notícias - com empresas apoiadoras e patrocinadoras.</p>		<p>2019</p>	<p>2020</p>	<p>81 anos da Revista <i>O Papel</i></p>